



Apresentação

O conservadorismo político em ascensão no Brasil nos atingiu diretamente no último período. Professoras e professores dos estudos de gênero e sexualidades da Bahia têm sido alvo de ataques os mais variados e de fontes as mais difusas. Ilude-se aquele que imagina que a fonte seja apenas a “extrema direita”. Os microfascismos dominaram nossas relações mais íntimas, de trabalho, militância e pessoais. Nos mostramos, enquanto sociedade e vanguarda progressista, também como intolerantes ao debate de ideias e à convivência harmônica com aquelas e aqueles que pensam diferente de nós. Nesse último número do ano de 2017 da Revista Cadernos de Gênero e Diversidade, nada melhor do que refletirmos sobre o nosso papel de deixarmos de nos entender como vítimas para não reforçarmos esse movimento de terror e amedrontamento, que nada mais é do que uma agenda neoliberal e neocolonial de gestão da diversidade. Nos posicionamos, assim, a favor de uma práxis feminista libertadora e acolhedora, na qual a escuta de múltiplas vozes é princípio inegociável.

Na contramão desses terrorismos e *ambiente* amedrontadora, resistimos. Particularmente com a manutenção de nossa revista que divulga, trimestralmente, conhecimento interdisciplinar em Sociais & Humanidades, nos estudos de gênero e diversidade. A cada número publicado, crescemos em termos editoriais, seja pela maior adesão de pesquisadoras e pesquisadores como leitores, avaliadores e críticos dos textos que publicamos, seja como equipe editorial que domina cada vez mais as ferramentas de gestão de uma revista de acesso aberto. Queremos melhorar! Para isso, é fundamental agradecer a cada parceira que tem conosco acreditado e se engajado nesse projeto.

Neste número, apresentamos cinco artigos inéditos, todos em diálogo com o enfrentamento às diversas opressões, particularmente articulando questões de gênero, trabalho e raça, com vistas a uma ação política transformadora. Marta Bonow Rodrigues, Louise Prado Alfonso e Flávia Maria Silva Rieth, em artigo resultante de intervenção junto a trabalhadoras domésticas, demonstram que o passado escravista-colonial deixou fortes marcas na organização social brasileira, exigindo da universidade engajada intervenções junto às populações subalternizadas. Nathália Dothling Reis demonstra como uma ideia exclusivamente eurocentrada de crítica feminista à neutralidade da ciência mantém seu caráter androcêntrico e dominador quando articula



apenas autoras do Norte Global, excluindo as reflexões de mulheres racializadas do Sul Global. No mesmo sentido dos trabalhos anteriores, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos Nogueira discorre sobre o trabalho doméstico no Brasil, mostrando a ausência de agência das mulheres negras que se implicam nessa ocupação. Hélène Lambert, ao etnografar o coletivo boliviano *Mujeres Creando*, nos ensina que as performances e estratégias de um coletivo feminista autônomo possibilitam desestruturar aquilo que nos oprime, para construirmos novos imaginários sociais. Já Felipe Bruno Martins Fernandes, em seu artigo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório em Gênero e Diversidade, faz reflexões sobre a importância dessa etapa da formação profissional e pensa no compromisso do analista de políticas em gênero e diversidade não como neutro, mas engajado com a transformação social. Acreditamos que são trabalhos relevantes que contribuirão com o avanço das reflexões feministas tanto na universidade como na gestão pública e nos movimentos sociais progressistas em tempos de conservadorismo.

Nesse número ganhamos um presente: a disponibilidade da feminista Ochy Curiel em dialogar conosco. A entrevista é considerada uma excelente aula por Ângela Figueiredo (PPGCS/UFRB), que apresenta e comenta o diálogo travado entre Ochy Curiel e Analba Brazão Teixeira em Cachoeira/BA durante a *Internacional School of Transnational Decolonial Black Feminism*, transcrito pela mestrandia Ariana Mara da Silva (PPGNEIM/UFBA). Ochy Curiel aborda as diferentes vertentes do feminismo, o lugar do lesbianismo político e a decolonialidade do saber. A partir de sua trajetória, a feminista e pesquisadora autodeclarada afro-caribenha lesbofeminista situa seus interesses teóricos, políticos e a forma como, na América Latina, se desenvolveu uma corrente feminista afeita à opção decolonial. Sua excelente crítica ao conceito de interseccionalidade exige novos olhares ao que se considera o maior consenso feminista dos anos 2000 e temos certeza que impactará as produções e ações feministas em nosso país e em todo o contexto lusófono.

Publicamos também dois ensaios. O primeiro, de Cleyton Feitosa Pereira, aborda a construção de uma agenda de pesquisa sobre a participação de pessoas LGBT nos partidos políticos, apontando para essa participação como um direito humano dessa população. O segundo, de Jéssica Matos Cardoso, Alex Sales Soares e Carlos Henrique Lucas



Lima, levanta a subversão de gênero como ação legítima de visibilidade de sexualidades dissidentes e de enfrentamento da heteronormatividade.

Por fim, gostaríamos de agradecer ao antropólogo visual Fernando Firmo (PPGA/UFBA), que nos agradeceu com uma de suas fotos, da coleção *Marisqueiras da Ilha de Bom Jesus dos Passos, Baía de Todos os Santos*. A foto, incluída na capa, melhor ilustra um número que articula o feminismo decolonial, a importância de um conhecimento situado no sul global e as reflexões sobre a herança colonial sobre as populações racializadas, particularmente no Brasil e na América Latina. Com desejos de boas leituras, compartilhamos mais um número com todas e todos.

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Mariângela Moreira NASCIMENTO

Caterina REA